

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Luís G. Soto*

A Saudade, a negra sombra e o fantasma da liberdade

Resumo: O objetivo deste trabalho é explorar as relações entre a saudade, causada pela memória do passado, e a liberdade, experimentada na perda de sentido derivada do sofrimento amoroso e o sofrimento existencial. Para isto, ofereceremos uma nova leitura do mais famoso poema de Rosalia a partir dum poema pouco conhecido de Aguirre, no qual ela parece ter-se baseado.

Palavras-chave: saudade, lembrança, sentido, subjetividade, liberdade.

Saudade, the black shadow and the ghost of freedom

Abstract: This paper examines the relations between the *saudade* that is caused by one's memories of the past and the freedom felt as a result of the lost of meaning that lovesickness and existential suffering cause. To do this, the paper provides a new reading of Rosalia's most famous poem that is based on another, little-known poem by Aguirre, on which Rosalia's one seems to be inspired.

Keywords: saudade, remembrance, meaning, subjectivity, freedom.

* Universidade de Santiago de Compostela; Faculdade de Filosofia, Praza de Mazarelos s/n 15782 Santiago de Compostela; 0034881812526; e-mail: luisg.soto@usc.es

Novo ângulo, indicações

Para tentar mostrar ou, pelo menos, apontar um possível ângulo novo na leitura da «negra sombra», vou partir de três indicações de Ricardo Carvalho Calero⁴⁴² acerca do poema de Rosalía⁴⁴³: vincular a negra sombra com a saudade; ler o poema como um integrante de um conjunto de que faria parte com outros dois; salientar a relação dos versos de Rosalía com um poema de um contemporâneo seu, «El murmullo de las olas» de Aurelio Aguirre⁴⁴⁴. Seguindo Carvalho, começarei por isto último e irei remontando até a saudade.

Comparação

É suficiente com compararmos o poema de Rosalía com uma estrofe da poesia de Aguirre para reconhecer a inspiração dela nos versos dele⁴⁴⁵.

«El murmullo de las olas» foi publicado em *El Iris de Galicia* nº 37, A Corunha, a 6 de setembro de 1857. O poema está datado em Vigo, a 31 de agosto de 1857. Eis a estrofe III⁴⁴⁶:

Dime, tú, ser misterioso
Que en mi ser oculto moras,
Sin que adivinar consiga
Si eres realidade ó sombra...
Angel, muger ó delirio,
Que, baixo distintas formas,
A mis ojos apareces
Con la noche y con la aurora,
Y á todas partes me sigues,
Solícita y cariñosa...
Y en todas partes me buscas...,
Y en todas partes me nombras...
Y estás conmigo, si velo,
Y si duermo, en mi reposas...,
Y si suspiro, suspiras...,

⁴⁴² Originariamente: Carballo, que ele próprio, na década de 80, trocou por Carvalho.

⁴⁴³ CARBALLO CALERO, Ricardo, «Negra sombra», *Sobre lingua e literatura galega*, Galaxia, Vigo, 1971, pp. 77-84; «Negra sombra», *Estudos rosalianos*, Galaxia, Vigo 1979, pp. 123-128.

⁴⁴⁴ Recentemente foi recolhida e publicada a sua poesia: AGUIRRE, Aurelio, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, edición crítica, introducción y notas de Olivia Rodríguez González, Alvarellos, Santiago 2013.

⁴⁴⁵ Carvalho afirma: «“Negra sombra” é unha imitación moi achegada ao orixinal de Aguirre» (CARBALLO, *Sobre lingua e literatura galega*, op. cit., p. 81). Mas, segundo ele, a tradução melhora o original, com as mudanças que Rosalía introduz: CARBALLO, *Sobre lingua e literatura galega*, op. cit., p. 82 e, também e com mais pormenor, em *Estudos rosalianos*, op. cit., pp. 125-126.

⁴⁴⁶ Cfr. AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., p. 329. A editora, Olivia Rodríguez González, atualiza as convenções gráficas ao padrão vigente da língua castelhana.

Y si triste lloro, lloras...
¡Oh!... Dímelo... tú lo sabes...
Dime, visión tentadora:
¿Qué les dice a los que sufren
El murmullo de las olas?

O poema de Rosalía faz parte do seu livro *Follas Novas*, publicado em Madrid, em 1880⁴⁴⁷.

Cando penso que te fuches,
Negra sombra que m'asombras,
Ô pe d'os meus cabezales
Tornas facéndome mofa.
Cando maxino qu'ês ida
N'o mesmo sol te m'amostras,
Y eres a estrela que brila,
Y eres o vento que zóa.
Si cantan, ês tí que cantas,
Si choran, ês tí que choras,
Y-ês o marmurio d'o rio
Y-ês a noite y ês a aurora.
En todo estás e ti ês todo,
Pra min y en min mesma moras,
Nin m'abandonarás nunca,
Sombra que sempre m'asombras.

Coincidências, semelhanças

As coincidências literais, ou quase literais, são muitas. Mais ainda, se tivéssemos em conta a estrofe IV de Aguirre⁴⁴⁸. Além das coincidências patentes nesses versos, há outras semelhanças. A primeira, que reforça a proposta de Carvalho de que devemos ler «Negra sombra» como uma parte de uma unidade formada por este poema e os dois anteriores: A estrofe IV de Aguirre parece a inspiração direta do poema 1º de Rosalía. Ambos os poetas dirigem as suas palavras ao «mar», ao qual interpelam acerca das suas inquietações, que, também em ambos os casos, o mar deveria sufocar.

Eis também aí a segunda semelhança: os sujeitos interpelados pelos dois poetas. Aguirre dirige-se: na I, a uma pescadora; na II, a um marinheiro; na III, a um «ser misterioso», «realidade ou sombra»; na IV, ao mar. Pela sua vez, Rosalía fala: no 1º, ao mar e ao céu; no 2º, ao seu

⁴⁴⁷ ROSALÍA CASTRO DE MURGUÍA, *Follas Novas*, La Propaganda Literaria, Madrid 1880, p. 52.

⁴⁴⁸ Nomeadamente, ele diz: «del pobre loco se mofan!», sendo ele próprio o louco e sendo os que se mofam aqueles a quem dirige as suas perguntas, entre eles, o «ser misterioso», «realidade ou sombra». E, depois, conclui, falando ao mar, o último dos interrogados: «con que mi espíritu asombras». Cfr. AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., pp. 329-330.

pensamento; no 3º, à «negra sombra». Se temos em conta que Rosalía prescinde das estrofes I e II de Aguirre e que neste, na IV, o mar é também o seu pensamento, as coincidências são enormes⁴⁴⁹. E há mais, outras. Mas, vamos com as interpretações.

Negra sombra: memória do passado

O que é a negra sombra? Para respondermos, segundo Carvalho⁴⁵⁰, devemos atender não apenas ao poema que a negra sombra protagoniza, aquele que começa, cito literalmente, «Cando penso que te fuches», mas também aos dois anteriores, que começam: «¡Mar! c'as tuas auguas sin fondo», o 1º, e «Caba lixeiro, caba,», o 2º.

No 1º, Rosalía pede ao mar e o céu que a ajudem a «enterrar» um «fantasma» que a «aterra», que é «mais grande» e «pode mais» do que «vós todos», e, conclui a poeta: «implacável, burlão e sanhudo diante de mim sempre vai, e ameaça perseguir-me até à mesma eternidade»⁴⁵¹.

No 2º, Rosalía fala de si para si: Dirige-se ao «gigante pensamento»: «Cava, ligeiro, cava», para que num «fundo buraco» «enterremos» a «memória do passado». Designadamente, serão: a «lousa», «o negro olvido»; e o cemitério, o «nada»⁴⁵².

E, no 3º, tem o protagonismo a «negra sombra que me assombras», diz Rosalía.

Pois bem, seguindo o nosso estudioso⁴⁵³, a «negra sombra», do 3º poema, corresponde ao «passado» do 2º e ao «fantasma» do 1º. A poeta quer, literalmente, «enterrar» o fantasma e o passado. Que, infelizmente, resurgem como uma «negra sombra». No 2º, achamos a chave: a poeta luta exatamente com «a memória do passado». Isso é o que ela quer, infrutuosamente, enterrar: a «memória do passado». Essa é a «negra sombra».

Memória do passado: sentimento de saudade

E por aí, nessa relação com o passado, cabe introduzir, e assim é assinalado por Carvalho, as interpretações filosóficas existenciais e saudosistas. Com efeito, a turbção produzida pela

⁴⁴⁹ Diz Aguirre: «Tú que me ves a tu orilla / en ti meditando a solas» (*Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., p. 330).

⁴⁵⁰ CARBALLO, *Estudios rosalianos*, op. cit., pp. 126-128.

⁴⁵¹ ROSALÍA, *Follas Novas*, op. cit., p. 50.

⁴⁵² ROSALÍA, *Follas Novas*, op. cit., p. 51.

⁴⁵³ CARBALLO, *Estudios rosalianos*, op. cit., p. 128.

memória do passado pode ser vinculada a uma consciência existencial, à experiência da angústia, ao sentimento da saudade⁴⁵⁴.

Entre os três poemas, não há apenas analogia, mas também progressão. Nos três, Rosalía luta, para desembaraçar-se deles, com o «fantasma», no 1º, com a «memória do passado», no 2º, e com a «negra sombra», no 3º. Mas, eis a progressão, no 1º e no 2º há desejo de enterrar o fantasma e a memória do passado, com a esperança de conseguir esquecê-los; porém, no 3º volta a dor com a lembrança: é confirmado o retorno, sempre, da «negra sombra». No total, achamos a dialética lembrança-esperança, própria da saudade, funcionando nesta ocasião a memória, que até entorpece o pensamento, como inibidor da ilusão, atuando o passado, arruinando o presente, como blocagem do futuro.

Com certeza, essa turbção, seguida nos três poemas, pode ser referida a uma consciência existencial e ao sentimento da saudade.

Memória, aflição, sentido

Ora bem, por que dói e dana a memória do passado? Por que resulta aflitiva e prejudicial para quem a tem presente? Carvalho não entra nestas questões, mas vou tentar respondê-las fazendo uso da segunda das suas indicações: que o poema de Rosalía, «Negra sombra», está inspirado naquele outro de Aguirre sobre «o murmúrio das ondas». Começarei por uma consideração geral. A nosso ver, a memória – a presença – do passado será aflitiva se o passado foi melhor do que é o presente, se o passado foi bom e o presente é mau. Inclusive, se o passado foi mau e esse mal ameaça o presente e/ou o futuro. Em todas essas hipóteses, o passado afeta negativamente o presente.

Mas, que entendemos por bom e mau? A avaliação que o sujeito possa fazer da sua situação, i.e., do seu estado e posição no curso dos factos e das ações em que se encontra. Nessa avaliação um elemento essencial será o sentido: aquele que trazem e marcam os factos e, sobretudo, aquele que o sujeito, por meio das suas ações, pode imprimir para contornar, afrontar ou aproveitar os acontecimentos. Se os factos prejudicam, a situação é má; se favorecem, ou se o prejuízo é contornável, a situação será boa. Salientemos isto: a capacidade de uma pessoa para encadear ações

⁴⁵⁴ CARBALLO, *Estudos rosalianos*, op. cit., p. 126. Designadamente, Carvalho conclui remetendo, «na resultante simbólica», para a angústia «do ser» (ibidem, p. 128). Em *Sobre língua e literatura galega*, ele dizia angústia do «esistir» (op. cit., p. 84).

próprias, em última instância, benéficas para si mesma. Em suma, o sentido pode vir dado ou estar aberto, permanecer indeterminado por haver a possibilidade de estabelecer cursos de ação. E habitualmente dizemos que há sentido quando as ações e os cursos possíveis são benéficos, quando o sujeito pode desfrutar do presente e projetar-se no futuro.

Voltando a Rosalía, o efeito nocivo do fantasma, da memória e da sombra é por irromper no presente⁴⁵⁵. O curso presente é afetado, negativamente, pela irrupção do passado, talvez pelo sentido do passado.

Contrastes

Agora podemos concretizar. Vejamos as datas dos poemas de Aguirre e de Rosalía. No dele figura, junto ao lugar, o dia: Vigo, 31 de agosto de 1857. E foi publicado muito pouco depois, na Corunha, a 6 de setembro de 1857. O dela aparece em Madrid em 1880. O de Aguirre é datado quando ele, e também Rosalía, tem uns vinte anos; o de Rosalía é datado quando ela, que já viveu em Vigo e na Corunha, tem uns quarenta anos.

Em consequência, cabe estabelecer que o passado é a vida nos vinte anos, e o presente é a vida nos quarenta anos. Eis o contraste entre passado e presente, que pode ser entre bom e mau, entre melhor e pior. Por exemplo, vale pensar que, talvez, no passado havia umas possibilidades de cursos de ação que, por contraste, no presente e no futuro não há. E, por isso, a memória do passado devém perturbadora, torna-se aflitiva, mesmo dilacerante.

Rastos, restos

Mais uns detalhes: Aguirre morreu afogado, com 25 anos, na Corunha, e Rosalía conhecia e tratou Aguirre. Quando ela escreve o seu poema, Aguirre está morto. Quando se publica, em *Follas Novas*, transcorreram mais de vinte anos da morte de Aguirre⁴⁵⁶. Sem entrar em como pôde ter sido essa relação, estes dados levam-nos a pensar que, de alguma maneira, o fantasma, o passado e a negra sombra têm a ver com Aguirre. Tanto a pessoa como a obra, um poema, de Aguirre têm uma parte essencial no poema de Rosalía. Não afirmo que Aguirre seja o fantasma, o passado, a negra sombra. O que pretendo sustentar é que ele tem um protagonismo especial e essencial: que com

⁴⁵⁵ Cfr. MARINAS, José-Miguel, «La memoria y el duelo», *La escucha en la historia oral*, Editorial Síntesis, Madrid, 2007, pp. 53-54.

⁴⁵⁶ Falecera a 30 de Julho de 1858. Nesse dia, aparece o seu corpo morto. Desaparecera no mar, na praia de Santo Amaro na Corunha onde fora tomar banho, no dia anterior.

a sua pessoa e o seu poema representa, como um signo, esse passado. Mas, dele fica apenas um rasto... e um resto, o seu poema.

Signos: metonímia e metáfora

Assim, por uma parte, Aguirre pertence a um passado, no qual teve um papel como sujeito de relações e ações, umas efetivas e outras virtuais, em que também teve parte Rosalía, pelo menos em algumas delas. Entre eles houve um tempo e um espaço comuns, com umas possibilidades de sentido inerentes, decorrentes da sociabilidade então existente: as pessoas, as relações, as opções, etc. Aguirre como um elemento desse passado pode, metonimicamente, converter-se num signo desse passado⁴⁵⁷. E pode resuscitar, reavivar, as concretizações e os projetos de outrora.

Mas, há outro dado: Aguirre está morto. O que significa que ele não existe no presente: já não é sujeito e as suas relações e ações, o havido e o potencial, pertencem ao passado. Deste modo, como morto, Aguirre representa metaforicamente o passado: o passado como o definitivamente ido, como forma de morte, como experiência parcial da morte, uma morte que vivem os que sobrevivem ao passado e seguem vivos. Também assim está incumbida Rosalía.

Tempos melhores

Com esta bagagem, podemos regressar ao poema de Rosalía e responder a nossa pergunta.

Por que é aflitiva, por que magoa, a «memória do passado»? Porque no passado havia um sentido, uns sentidos, que, agora, não há no presente, nem parece haver no futuro. Simplificando, a vida aos vinte anos era diferente, e melhor, do que é a vida aos quarenta anos. No passado eram possíveis alguns cursos de ação; mas, no presente e o futuro não há essa possibilidade. O contexto pessoal e entorno social variaram e não permitem agora ao sujeito desenvolver essas ações ou outras similares. Outrora houve, havia, uma sociabilidade, talvez mesmo uma alteridade, que agora não há.

Mudaram os tempos, também os da vida própria. Os tempos são piores e Rosalía, com quarenta anos, tem menos tempo á frente. Por tudo isso, magoa a memória.

Impraticável, irrecuperável

⁴⁵⁷ MURGUÍA, Manuel, «Aurelio Aguirre», *Los precursores*, Imprenta de La Voz de Galicia, A Corunha, 1885, pp. 41-65.

Por outra parte, não esqueçamos que esse passado «vivo» (com sentido, com concretizações e virtualidades) aparece, regressa, também como «morto»: i.e., ido, concluído, irrecuperável no presente. A pessoa não pode fazer no presente aquilo que podia fazer, e talvez fez, no passado. Não pode nem prosseguir ou reatar um curso de ação encetado no passado, nem inaugurar um curso de ação que era possível no passado. Ou seja: Rosalía não pode fazer nem o que fazia nem o que poderia ter feito naquele tempo, passado, em que vivia Aguirre. Naquele tempo (e espaço) passado, que ela de alguma maneira partilhou com ele, havia umas hipóteses de sentido que agora não há.

O passado oferece um sentido que não tem curso, que não é viável no presente, que não é factível no futuro: a vida fica, pois, no passado e, com isso, torna «sem sentido» o presente⁴⁵⁸. Com certeza, o presente, a vida aos quarenta anos, possui algum sentido, mas incomparável com o do passado.

Finitude

Aqui devemos salientar outro aspecto da «memória do passado». Trazer o passado ao presente implica também tomar conta da finitude e a intranscendência do passado. Neste caso, Aguirre, as suas realizações, os seus projetos: isto pertence ao passado e não existe no presente. De tudo isso, fica quase nada: algumas lembranças, alguns versos. Percebe-se a intranscendência, o acabamento, os limites e a finitude da ação, da vida, de Aguirre. Em suma, o passado, que foi vida, é no presente morte: está morto. Último avatar da presença, estar morto, antes de desaparecer. Lição, pois, de finitude⁴⁵⁹, que atinge qualquer curso possível de ação. O que aguça o «sem sentido» de presente e futuro: o passado, o «com sentido», mostra também a finitude de qualquer sentido.

Sem sentido

O passado, a memória do passado, fornece pois um sentido três vezes travado no presente: porque desvaloriza o presente, porque não é possível no presente e porque incorpora o nada como horizonte do sentido. Desvaloriza o presente, porque o passado contém mais e melhores possibilidades. Não é possível no presente, porque não há agora as condições – aquela sociabilidade – de outrora. E incorpora o nada como horizonte do sentido, porque a morte anula a existência. Em resumo, a negra sombra, a memória do passado, assombra a vida presente: deprecia

⁴⁵⁸ JANKÉLÉVITCH, Vladimir, *L'irréversible et la nostalgie*, Flammarion, Paris 1974, 2011.

⁴⁵⁹ SAMPEDRO, Francisco, *Figuras da finitude*, Laiovento, Santiago de Compostela 2015.

o atual, assesta «sem sentido» e antecipa a morte. O passado é melhor, é impraticável e é morto. Revela o «sem sentido» no presente e no futuro, porque lembra a vida passada e lembra também a morte futura.

«O murmúrio das ondas»

Até aqui fizemos uma reflexão abstrata e aberta, uma especulação, sobre o passado, e o seu contraste com o presente, a partir de dados biográficos mínimos de Aguirre e Rosalía. Talvez não haja que procurar mais, porque quiçá não tenha havido grande relação entre eles.

Atenção: o que dissemos sobre o passado e o presente pode ter valor, para lermos o poema de Rosalía, mesmo não subscrevendo o proceder e a tese de Carvalho, que esse poema faz parte desse conjunto de três e que a negra sombra é a memória do passado. Porque no poema dela, como mostra Carvalho, estão os versos dele.

Portanto, convém lermos o poema de Aguirre: nele pode haver traços que tenham migrado aos versos de Rosalía.

Que diz «O murmúrio das ondas»?

Sentido e sofrimento

O poema de Aguirre consta de quatro estrofes, acabando cada uma delas numa pergunta acerca do que dizem, aos que sofrem (I, II, III) e ao próprio poeta (IV), os murmúrios das ondas⁴⁶⁰. É uma pergunta pelo sentido do sofrimento: como entender o sofrimento, aonde leva o sofrimento, que fazer com o sofrimento? É esperada uma resposta da natureza, designadamente das ondas do mar. De facto, estas murmuram: parecem dizer algo. A questão, a ânsia, é saber o que dizem, se é que dizem algo.

Essa dupla interrogação surge com o sofrimento. A questão concerne o sofrimento em geral, mas no poema são contemplados vários tipos e o que afeta a quem pergunta, ao poeta, é um sofrimento particular. Designadamente, um sofrimento que afasta o sujeito do social, o coloca a sós com si próprio e, afinal, o planta frente à natureza, nomeadamente o mar. Deste, é esperada uma resposta:

⁴⁶⁰ As três primeiras interrogações (I, II, III) são idênticas: «¿Qué les dice á los que sufren / El murmullo de las olas?». A última questão é levemente diferente: «dime lo que me dicen / con su murmullo tus olas». Cfr. AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., p. 330.

desvelar o sentido do sofrimento, esclarecer o que deve fazer o poeta ante e frente o seu padecimento.

Perguntar

A pergunta é, primeiro, nas estrofes I, II e III, indireta, apresentada a três sujeitos, e só afinal, na IV estrofe, é direta: a questão é posta ao próprio mar. Nas três primeiras estrofes são interpelados, sucessivamente: uma pescadora (I), um marinheiro (II), um «ser misterioso» (III), «realidade ou sombra», que mora no interior do próprio sujeito. Neste caso, a pergunta é duas vezes indireta, porque o «ser misterioso» parece a causa do sofrimento do sujeito: no entanto, é-lhe posta a questão como se os que sofressem fossem outros, como se o padecimento não afetasse nem a quem pergunta nem a quem deve responder. Na última estrofe (IV), a interrogação é dirigida diretamente ao mar, porque não houve resposta dos interlocutores.

De todos eles, é suposto saber o que, aos que sofrem, dizem as ondas: a pescadora e o marinheiro, quiçá, por terem relação com o mar, por viverem dele; o «ser misterioso», acaso, por causar o sofrimento; e o mar, talvez, por produzir as ondas.

Interpelados

A pescadora e o marinheiro, interpelados respectivamente nas estrofes I e II⁴⁶¹, mantêm uma relação de fazer e de lazer com o mar. Ambos conhecem e tratam o mar instrumentalmente, como meio de vida, incluindo algum lazer. O sofrimento que eles podem experimentar, causado pelo mar, é quando este falha como instrumento, quando não dá os frutos esperados. Ou quando é causa de desgraça, eminentemente a morte. Em geral, o seu sofrimento procede da necessidade, da impossibilidade ou a dificuldade de satisfazer necessidades básicas, como a alimentação ou a habitação. Também conhecem, o sofrer de amor, aquele que padece o poeta. Segundo este, tanto ela quanto ele, que sabem das coisas do mar, poderiam dizer-lhe aquilo que, aos que sofrem, dizem as ondas.

A seguir, são interrogados o «ser misterioso» (III) e o mar (IV). Ambos deveriam saber, supostamente, o que diz o murmúrio das ondas: aquele como causa do sofrer, este como causa das ondas.

⁴⁶¹ AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., pp. 327-328.

Na estrofe III⁴⁶², o «ser misterioso» parece guardar relação, como causa, com o sofrimento do poeta: o mal de amor. Precisamente o mistério reside na incapacidade, até ao momento, de saber se esse «ser» é «realidade ou sombra» e, mais exatamente, «mulher» ou «delírio». Aguirre diz também «anjo», o que nos leva, não apenas a uma entidade sobrenatural, mas, sobretudo, a uma transfiguração da mulher: torna-se um anjo se, com o seu amor, corresponde o dele. Mas, ela pode ser apenas «delírio» ou «sombra», i.e., fantasia dele. Eis o seu drama, o seu sofrimento. Opta por tentar indagar, com uma pergunta indireta, referida aos que sofrem, se o «ser misterioso» está preocupado por esse sofrimento: «diz-me», «tu o sabes».

Na estrofe IV⁴⁶³, constatando que «ninguém» responde, a questão é posta ao mar. Provavelmente essas perguntas, à pescadora (I), ao marinheiro (II) e ao «ser misterioso» (III), nunca tenham sido formuladas, mas apenas pensadas, estando o sujeito antes, como está agora, plantado «meditando» perante o mar (IV). Este, como o «ser misterioso», também causaria sofrimento ao poeta. Seria outro tipo de padecimento, motivado não pela necessidade (como a pobreza da pescadora e do marinheiro), não pelo desejo (como o apelo do «ser misterioso»), mas pela estranheza. O mar também guardaria analogia com o «ser misterioso» em ocasionar uma expectativa e não responder.

Sem resposta

Em nenhuma das tentativas, I-IV, é registada resposta: não sabemos o que dizem, se é que dizem algo, as ondas. Adivinhamos, no entanto, a natureza do sofrimento. Há três: o que causa a necessidade insatisfeita (I e II), o que origina o desejo expectante (III), o que produz a estranheza (IV). O primeiro, do qual sabem a pescadora e o marinheiro, podemos denominá-lo sofrimento material; o segundo, que estes também conhecem, mas de outra forma, é o sofrimento amoroso; e cabe chamar o terceiro sofrimento existencial. O poeta, na sua demanda, padece estes dois últimos: o sofrimento amoroso e o sofrimento existencial.

O sofrimento amoroso

Em nosso ver, o «ser misterioso» (III) que mora no interior do sujeito, na intimidade do poeta, seria uma imagem de uma mulher amada ou, melhor dito e literalmente, amável: uma imagem de

⁴⁶² AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., p. 329.

⁴⁶³ AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., pp. 329-330.

outro, um amor, inscrita na sua subjetividade⁴⁶⁴. Não seria um desdobramento do ego, mas uma inscrição de um alter no ego. É uma «forma» que «aparece», uma presença que acompanha «solícita e carinhosa»: segue-o, procura-o, nomeia-o, vela, repousa, canta, suspira, chora com ele, diz o poeta. E essa inscrição é, além de gozosa, pelo menos em parte, aflitiva: afeta o sujeito e demanda um rumo ao sujeito. É uma «visão tentadora». Eis o mal de amor.

O ego sofre porque a alteridade, essa imagem que outro, uma mulher, emite e que ele recebe e vê, sente, gravada no seu interior, pede uma resposta. Esse impacto e essa resposta implicam uma quebra do sentido atual, do curso presente das ações⁴⁶⁵.

Mas, além do impacto da imagem, está a mulher a fazer uma proposta, está ela a esperar uma resposta? A emissão dessa imagem não é intencional, é independente das intenções que possa albergar essa mulher. Em suma, pode haver intencionalidade ou não. O que leva a pôr a questão: será «realidade ou sombra»? Existe, além do efeito, alguma intenção? Há, do outro lado da imagem, um outro sujeito?

A pergunta ao «ser misterioso», como antes à pescadora e ao marinheiro, e finalmente ao mar, reflete a incerteza perante o passo que cabe dar: inaugurar um novo curso de ação, estabelecer uma nova relação. O poeta quer saber se ela o ama, antes de mover-se, para dar esse passo. Pergunta-lho indiretamente. E antes e depois pretende adivinhá-lo, também indiretamente: em aparência, interrogando a pescadora, o marinheiro e o mar; na realidade, auscultando os signos que possam emitir aqueles e, nomeadamente, os murmúrios das ondas.

Aguirre, o poeta a ouvir os murmúrios das ondas e a interpelar os outros que os ouvem, procede como o namorado a desfolhar a margarida, tirando as pétalas, sim-não, para saber se ela o ama.

O sofrimento existencial

Mas, o sujeito não padece apenas pela interpelação que faz a imagem de outro, o apelo do amor, que, porque não está certo, não ousa responder. Como o «ser misterioso», o mar também interpela o poeta: o sujeito medita, só, ao pé do mar, no seu mistério (IV).

O que aqui está em causa é uma imagem da natureza, que o mar perturba, e talvez rompe, com os seus sons, com o dizer e a possível insignificância do murmúrio das suas ondas. Esses murmúrios,

⁴⁶⁴ BARTHES, Roland, *Fragments d'un discours amoureux*, *Œuvres complètes*, édition d'Éric Marty, Seuil, Paris 2002, t. V, pp. 25-296.

⁴⁶⁵ GÁRATE, Ignacio, «Amor y transferencia», in MARINAS, José-Miguel & ARRIBAS, Sonia (eds.), *Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género*, Minerva Ediciones, Madrid 2009, pp. 115-142.

o que dizem? Verdadeiramente, dizem? O silêncio, a não resposta, exaspera o sujeito. O mar irrompe como natureza alheia ao sujeito. Não fornece uma resposta ao sofrimento humano: não dá uma explicação, não propicia uma solução, não proporciona uma indicação. A expectativa do sujeito está a frustrar-se por efeito do murmúrio, insignificante, das ondas do mar. E, além disso, com isso e por isso, quebra-se a imagem da natureza.

O mar aparentemente diz, murmura, mas afinal não diz, pois esse murmúrio resulta ininteligível ou indecifrável. Realmente, não diz: nem o mar é um sujeito que fale, nem há um sujeito que através dele fale. Em suma, o murmúrio é insignificante, não é um signo, não contém indicação alguma, para os que sofrem. O mar é alheio ao poeta, aos que sofrem, ao ser humano. Eis o sofrimento existencial: a perda de sentido⁴⁶⁶.

Mas, com a ausência de sentido, retorna ao sujeito a possibilidade, a única, de enfrentar o sofrimento: a via da ação.

Estranho, entranha

A pergunta reiterada e a não resposta permanente introduzem uma mudança na imagem da natureza antes possuída pelo sujeito: a natureza deixa de ser familiar, para se tornar estranha. Deixa de aparecer como própria, para se mostrar como alheia. Contra o que quereria o poeta, não existe com o mar, em termos de comunicação, interação possível. Porque no mar, dentro do mar ou detrás do mar, não há um sujeito. O mar é como um espelho⁴⁶⁷: o único sujeito que há é o próprio sujeito que olha. As relações possíveis com o mar são as que mantêm a pescadora e o marinheiro, que o tratam como um objeto: a exploração, que pode incluir o respeito, o conhecimento e a utilização. Não cabe esperar que o mar, a natureza em geral, se comporte como um sujeito.

Ao contrário, essa relação instrumental com o alheio, como a natureza exterior (nomeadamente, o mar), é posta em causa com a visão de uma mulher, com a imagem amorosa que dela fica e a faz aparecer como potencial alter ego. Essa experiência transtoca a imagem tradicional e vigente da mulher⁴⁶⁸, subordinada ao homem, sujeita a relações instrumentais. Pelo poeta, no entanto, ela não

⁴⁶⁶ Cfr. o poema de Heine «Perguntas», ao pé do mar um sujeito a pôr questões (existenciais) e a escutar os murmúrios (o silêncio) das ondas: HEINE, Heinrich, «Fragen/Perguntas», *O Mar do Norte. Die Nordsee*, Espiral Maior, estudo introdutorio, tradución, notas e meditación ulterior de Luís G. Soto, A Corunha 2015, pp. 126-127.

⁴⁶⁷ MARINAS, José-Miguel, «Fundamento del espejo», *La razón biográfica. Ética y política de la identidad*, Biblioteca Nueva, Madrid 2004, pp. 301-313.

⁴⁶⁸ MARINAS, José-Miguel, «Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género», in MARINAS & ARRIBAS (eds.), *Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género*, op. cit., pp. 11-29.

é vista apenas como objeto, nem apenas como natureza. Com ela pode haver uma interlocução e dela cabe esperar uma resposta. Sempre que na mulher haja intencionalidade, vontade. Essa é a expectativa, e a dúvida, do sujeito, do poeta.

A imagem dela poderia impactar, e ser, como o murmúrio das ondas: um efeito sem intenção, porque ela não a tenha ou porque nela, como no mar, não a haja. Que a mulher possa carecer de intenção, para com o poeta, é um mal: significaria que ela não o ama. Esse é o seu temor. Mas, ele descarta que a mulher seja apenas natureza, que nela, como no mar, não haja subjetividade. É o próprio da época: a mulher é, conforme à imagem tradicional e vigente, natureza. Porém, assim sendo, ela não poderia chegar a ser o alter ego que ele sente viver, antecipadamente e ilusoriamente, no «ser misterioso» que no seu próprio ser mora.

Paragem: agir, morrer?

A quebra da imagem da natureza é análoga com a alteração na subjetividade, no interior do sujeito, pela instalação da imagem amorosa, restante da aparição de uma pessoa, uma mulher. O mar e a mulher, instalados no interior do sujeito, perturbam, questionam o sentido da sua existência, o curso que ele levava ou seguia na sua vida. Ambos impõem uma paragem, assinalam um desvio. Mulher e mar são signos que dizem e calam. A esse silêncio, que segue ao aparecer dela e ao murmúrio delas, deve responder o sujeito com a sua ação.

Mas, o sujeito não está certo da hipotética proposta e a possível resposta da mulher. Eis o mal de amores, desfolhar a margarida, auscultar as ondas: é que ela me ama? O patente, e talvez definitivo, silêncio do mar representa o temido silêncio e a negativa da mulher. Ele sofre por não saber e por deduzir, de não saber, que ela não o ama. Nessas condições ele prefere morrer: «estatela-me contra uma rocha», pede Aguirre ao mar, «ou diz-me o que me dizem com o seu murmúrio as tuas ondas»⁴⁶⁹.

Assim conclui o poema: o amor ou a morte. Em nosso ver esta alternativa expressa a vertigem da decisão, mas não as opções reais. A alternativa é menos trágica, ainda que segue a ser dramática: relação ou solidão. O poeta deve escolher, eis a vertigem, entre decidir, ou não, tentar a relação. Se ele se inibir ou se é rejeitado, já sabe o que lhe espera: o que tem: sofrimento e solidão. E o termo dessa senda pode ser a morte. Mas, esta não constitui, de entrada e pelo momento, uma opção real.

⁴⁶⁹ Cf. AGUIRRE, *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, op. cit., p. 330.

Aguirre quer que o mar, oferecendo algum signo, o ajude a decidir e agir: que lhe tire a vertigem e o risco da decisão e a ação. Ou que, no caso contrário, de persistir no seu silêncio, lhe tire vida: quiçá, mais exatamente, só a consciência e a vontade, para não encarar a liberdade.

Subjetividade, liberdade

A «visão tentadora» alicia a interrogação, não apenas pela atitude da mulher (a intenção), mas também pelo ser dela (a subjetividade). É posta a questão da existência da mulher como outro sujeito com consciência, vontade e liberdade próprias⁴⁷⁰. E, se existe assim, ultrapassa a subjetividade desse sujeito, o poeta, que possui a sua imagem e, também e sobretudo, é possuído por ela. Ele não pode dominar, não pode manipular, essa outra existência. Não o pode fazer sem destruí-la, sem renunciar ao alter ego. A subjetividade dele, o sujeito mesmo, deve reformular-se em relação à mulher. A sua liberdade encontra a dela: o que é que ela fará? De aí, multiplicada, a incerteza da ação: por não saber dela, por desconhecer o que pensa, por ignorar como vai responder. O poeta espelha-se nesse alter ego, a mulher, que, como ele próprio, cintila, oscila, entre o ser e o nada: nessa interação especular, o poeta toma consciência e tem experiência da liberdade. Com o «ser misterioso» aparece a liberdade: surgem produzindo uma suspensão do sentido e reportando uma ocasião para a ação.

Percebendo o «ser misterioso» e pensando na «mulher», o poeta enfrenta a carência de sentido e a ausência de ação: conhece e experimenta uma passagem pelo vazio. Não é que aqueles estejam vazios: é que tomar consciência dele, pensar nela, implica fazer uma paragem no sentido, abrir um parêntese: o da meditação, o da deliberação. E este é o vazio que as ondas, com o seu murmúrio, não enchem. Elas produzem um vazio semelhante: há um sentido na natureza? A interrogação suspende o sentido pressuposto, não questionado, impensado: a hipótese e crença animista, a existência de uma ordem antropomórfica, a agência de um desígnio filantrópico. O murmúrio das ondas causa interrogação e desassossego no sujeito: não acha nele resposta ao seu sofrimento. Pior do que isso: não acha nele resposta alguma. O mar não diz nada ao sujeito: diz-lhe o nada. Põe o poeta a sós com si próprio, deixado à sua consciência e à sua vontade, entregue à sua liberdade.

Pensar, agir

⁴⁷⁰ BEAUVOIR, Simone de, *O segundo sexo I. Os feitos e os mitos*, Xerais, Vigo 2008.

O poema contém uma interrogação pelo sentido, o que fazer?, que surge no ponto em que o sentido, o curso da ação, é suspenso pelo sofrimento, derivado das necessidades insatisfeitas, ocasionado pelo desejo amoroso, causado pelo estranhamento da natureza. Com esse pano de fundo, o sujeito, o poeta, tem, detém, a possibilidade de agir. Ainda mais, deve agir pela pressão do sofrimento: porque, com a sua ação, talvez possa eliminar ou mitigar o seu sofrer.

No poema achamos o momento-processo da meditação e a deliberação⁴⁷¹. O sujeito não quer apenas saber, quer saber para agir: medita e delibera para libertar-se do seu sofrer. Quer saber o que se passa, o que é que lhe acontece? E sabê-lo, assumi-lo, é mudar o curso de ação: parar-se, primeiro; desviar-se, depois. Endereçar os seus passos, traçar um rumo, em direção ao «ser misterioso». A alternativa para o poeta é, em última instância, o nada. Mas, isto sublinha a importância do curso de ação alternativo: aquele que alicia, ilumina e propicia o amor (exatamente: a imagem, a pegada, a presença ausente, de uma mulher) e que possibilita e dificulta a liberdade.

Expectativa

Aí nos deixa o poema, por aí fica o poeta: só, ante o mar, em silêncio depois de falar, de si para si, com as ondas, com um ser misterioso que nele mora, com um marinheiro e com uma pescadora. Aguirre oferece, realiza, uma magnífica meditação acerca do sentido, que é também uma deliberação sobre a possibilidade de iniciar um curso de ação, tendo como expectativa, como objetivo ou finalidade, a interação com outro sujeito, um alter ego, que se entrevê na imagem de amor causada por uma mulher.

É um cenário rupturista, inaugural, com o amor como centro e o olhar posto no futuro, no estabelecimento e desenvolvimento de uma relação amorosa entre seres hipotética e potencialmente iguais. De entrada e pelo momento, iguais em liberdade: em tê-la, apesar de não terem a mesma. Porém, essa perspectiva constitui apenas uma hipótese, num momento zenital, no qual o amor tem como alternativa, já de partida, a solidão e, como extremo, a morte⁴⁷².

Ressonâncias, ecos

⁴⁷¹ SOTO, Luís G., «Vivir solo, vivir juntos», *Agora 24/1*, Universidade de Santiago de Compostela, 2005, pp. 81-103 (em especial, pp. 94-97).

⁴⁷² BARTHES, *Fragments d'un discours amoureux*, *Œuvres complètes*, op. cit., t. V, pp. 269-270 e pp. 285-287.

Como repercutem os versos de Aguirre no poema de Rosalía? Ao transcrevê-los ela incorporou não apenas o significante, mas também muito do significado. Os efeitos são algo diferentes se lermos «Negra sombra» em conjunto com os dois poemas anteriores, como propõe Carvalho, ou com independência deles e doutros, como uma peça única.

Se, como quer Carvalho, vinculamos e identificamos a «negra sombra» com a «memória do passado», Aguirre e o seu poema aparecem para mostrar um passado, um tempo, melhor, agora irrecuperável e impraticável, revelador de finitude e sem sentido no presente.

Ora bem, esses são efeitos do contexto, que o próprio texto, o poema de Aguirre, por si só arrasta e, além disso, transporta outros. Por outras palavras, se lermos como peça única e independente o poema de Rosalía e não partimos da identificação, proposta por Carvalho, da «negra sombra» com a «memória do passado», cabe achar efeitos semelhantes.

Mas, o poema de Aguirre, por si só e como texto incorporado no de Rosalía, transporta, como significados latentes, o perguntar sem resposta, o sofrimento amoroso e o sofrimento existencial, o desencantamento e a estranheza perante a natureza, o encantamento e o entranhar suscitado pela subjetividade⁴⁷³, a comoção da liberdade, a vertigem da decisão e o risco da ação, a incerteza do pensamento e o tremor e temor do agir⁴⁷⁴.

Divergências, convergências

Não pretendemos dizer que estes sejam os significados do poema de Rosalía, mas que algo deles nele há. E outros, porque os seus versos⁴⁷⁵ registam notáveis diferenças com respeito aos de Aguirre.

Para começar, a sombra é «negra», o que significa predominante, se não exclusivamente, negativa. De facto, o que faz é «mofar-se» da poeta, quando se pensa liberta dela, e «assombrá-la»: aparecer, por toda a parte e em toda ocasião, e projetar-se sobre ela. A sombra espanta e ensombrece: assola e arruína a consciência e a vontade da poeta.

Por outra parte, a sombra permanece sempre indefinida: o que seja está por descobrir-se, de que é sombra não o sabemos. Talvez o saiba Rosalía, mas ela não diz, nos seus versos, se a sombra é de algo ou alguém ou representa a inteira realidade: «Em tudo estás e és tudo para mim».

⁴⁷³ SAMPEDRO, «O rol da alteridade», *Figuras da finitude*, op. cit., pp. 93-98.

⁴⁷⁴ Cfr. SOTO, Luís G., «A saudade dos mortos», in BRAZ TEIXEIRA, António, NATÁRIO, Maria Celeste, EPIFÂNIO, Renato (coords.), *Sobre a Saudade. V Colóquio Luso-Galaico*, Zéfiro, Sintra 2017, pp. 152-163.

⁴⁷⁵ Cfr. ROSALÍA, *Follas Novas*, op. cit., p. 52.

Além disso, a «negra sombra», ainda habitando no interior: «em mim mesma moras», aparece, sobretudo, no exterior: é «sol», «estrela», «vento», «rio», «noite e aurora» e, também, canto e choro. Manifesta-se, sobretudo, na natureza, mas também na subjetividade (canto, choro) dos outros: «és tu que cantas, és tu que choras».

Ora, apesar destas diferenças, o poema de Rosalía herdou, ainda que esta herança não tenha sido sempre reconhecida, também significados dos versos de Aguirre. Por exemplo, algo salientado pelos leitores e estudiosos como a consciência ou o sofrimento existencial está já em Aguirre⁴⁷⁶. Obviamente, os matizes, que podem ter enorme importância, são diferentes.

Conclusão: tese

Lembrando Aguirre, nomeadamente, o drama surgido ao perspetivar a ação em liberdade, penso se a «negra sombra» de Rosalía, identificada com tantas cousas⁴⁷⁷ e sempre aberta à significação⁴⁷⁸, não terá algo a ver com a liberdade. Parafraseando Ricardo Carvalho Calero, quiçá a negra sombra, a memória do passado, seja a memória da liberdade ou, seguindo com Carvalho, talvez com a negra sombra apareça o fantasma da liberdade.

Referências bibliográficas

- AGUIRRE, Aurelio (2013), *Recuerdos de agosto. Obra poética, 1850-1858*, edición crítica, introducción y notas de Olivia Rodríguez González, Santiago: Alvarellos.
- BARTHES, Roland (2002), *Fragments d'un discours amoureux, Œuvres complètes*, t. V, édition d'Éric Marty, Paris: Seuil.
- BEAUVOIR, Simone de (2008), *O segundo sexo I. Os feitos e os mitos*, Vigo: Xerais.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1971), «Negra sombra», *Sobre lingua e literatura galega*, Vigo: Galaxia.
- CARBALLO CALERO, Ricardo (1979), *Estudios rosalianos*, Vigo: Galaxia.
- GÁRATE, Ignacio (2009), «Amor y transferencia», in MARINAS, José-Miguel & ARRIBAS, Sonia (eds.), *Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género*, pp. 115-142, Madrid: Minerva Ediciones.
- HEINE, Heinrich (2015), *O Mar do Norte. Die Nordsee*, estudo introdutorio, tradución, notas e meditación ulterior de Luís G. Soto, A Corunha: Espiral Maior.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir (2011), *L'irréversible et la nostalgie*, Paris: Flammarion.

⁴⁷⁶ Nomeadamente, CARBALLO, *Sobre lingua e literatura galega*, op. cit., pp. 79-81.

⁴⁷⁷ LÓPEZ CASANOVA, Arcadio, *A modernidade poética de Rosalía: unha interpretación*, Real Academia Galega, A Corunha 2013.

⁴⁷⁸ RODRÍGUEZ RIAL, Nel, «Estética e metaestética en Rosalía de Castro», *Actas do Congreso Internacional de Estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo*, Consello da Cultura Galega - Universidade de Santiago de Compostela 1986, v. III, pp. 179-190 (em especial, pp. 188-190).

- LÓPEZ CASANOVA, Arcadio (2013), *A modernidade poética de Rosalía: unha interpretación*, A Corunha: Real Academia Galega.
- MARINAS, José-Miguel (2004), *La razón biográfica. Ética y política de la identidad*, Madrid: Biblioteca Nueva.
- MARINAS, José-Miguel (2007), *La escucha en la historia oral*, Madrid: Síntesis.
- MARINAS, José-Miguel (2009), «Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género», in MARINAS, José-Miguel, & ARRIBAS, Sonia, (eds.), *Mujer es querer. Sobre la ética de las identidades de género*, pp. 11-29, Madrid: Minerva Ediciones.
- MURGUÍA, Manuel (1885), *Los precursores*, A Corunha: Imprenta de La Voz de Galicia.
- RODRÍGUEZ RIAL, Nel (1986), «Estética e metaestética en Rosalía de Castro», *Actas do Congreso Internacional de Estudos sobre Rosalía de Castro e o seu tempo*, v. III, pp. 179-190, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega - Universidade de Santiago de Compostela.
- ROSALÍA CASTRO DE MURGUÍA (1880), *Follas Novas*, Madrid: La Propaganda Literaria.
- SAMPEDRO, Francisco (2015), *Figuras da finitude*, Santiago de Compostela: Laiovento.
- SOTO, Luís G. (2005), «Vivir solo, vivir juntos», *Agora 24/1*, Universidade de Santiago de Compostela, pp. 81-103.
- SOTO, Luís G. (2017), «A saudade dos mortos», in BRAZ TEIXEIRA, António, NATÁRIO, Maria Celeste, EPIFÂNIO, Renato (coords.), *Sobre a Saudade. V Colóquio Luso-Galaico*, pp. 152-163, Sintra: Zéfiro.